



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ISABELA CAROLINA SANTOS DE SÁ DOS REIS

ACUPE: CORPO ENCRUZILHADA

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

ISABELA CAROLINA SANTOS DE SÁ DOS REIS

ACUPE: CORPO ENCRUZILHADA

Trabalho de monografia de conclusão de curso de graduação em Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizia Cristina Ferreira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

R31a

Reis, Isabela Carolina Santos de Sá dos.

Acupe : corpo encruzilhada / Isabela Carolina Santos de Sá dos Reis. - 2018.
50 f. : il. color.

Monografia (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizia Cristina Ferreira.

1. Identidade cultural. 2. Tradição oral - Acupe (Santo Amaro, BA). 3. Memória
coletiva. I. Corpo encruzilhada : tradições do recôncavo baiano - Projetos. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 306.098142

ISABELA CAROLINA SANTOS DE SÁ DOS REIS

ACUPE: CORPO ENCRUZILHADA

Trabalho de monografia de conclusão de curso de graduação em Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 30/05/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elizia Cristina Ferreira (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a M.^a Maria José Barral Villas Boas

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

RESUMO

O seguinte trabalho de finalização de curso teve como objetivo apresentar a mobilidade da população acupense como órgão principal na construção das memórias e experiências corporais e orais do passado e atuais que levam a construção do corpo físico, espiritual, crítico e social das manifestações culturais acupenses. A teoria usada para descrever esse trânsito cruzado é o conceito de corpo encruzilhada, tal como o utilizam Monilson Pinto e Leda Martins, que trazem, em seus respectivos trabalhos, a ideia do trânsito corporal na construção da memória num processo ritualístico e religioso que engloba as funções sociais e espirituais trazidos nas performances das manifestações culturais. O conhecimento passado através da oralidade dos mestres e mestras da cultura levou a pensar a formulação de um projeto que visou a valorização dos saberes populares, o “Corpo Encruzilhada: Tradições do Recôncavo Baiano” foi um projeto de extensão com duração de seis meses teve como um dos seus objetivos dar vós ativa e pratica para os mestres e mestras, que em oficinas, eventos, roda de conversa e o intercambio entre UNILAB e Acupe puderam tecer uma possível paridade entre o conhecimento acadêmico e popular. Esse trabalho apresenta o resultado desse projeto e reflexões estabelecidas entre as práticas que ele fomentou e os conceitos aqui mobilizados.

Palavras-chave: identidade cultural; tradição oral - Acupe (Santo Amaro, BA); memória coletiva; Corpo encruzilhada: tradições do recôncavo baiano - Projetos.

ABSTRACT

The following final project aimed to present the mobility of the Acupuncturist population as a primary organ in the construction of past and present bodily and oral memories and experiences that lead to the construction of the physical, spiritual, critical, and social body of Acupuncturist cultural manifestations. The theory used to describe this intersecting transit is the concept of the crossroads body, as used by Monilson Pinto and Leda Martins, who, in their respective works, present the idea of bodily transit in the construction of memory in a ritualistic and religious process that encompasses the social and spiritual functions brought about in the performances of cultural manifestations. The knowledge passed down through the oral tradition of cultural masters led to the formulation of a project aimed at valuing folk knowledge. "Corpo Encruzilhada: Tradições do Recôncavo Baiano" (Crossroads Body: Traditions of the Bahian Recôncavo) was a six-month extension project whose objective was to provide active and practical voices to the masters. Through workshops, events, discussion groups, and exchanges between UNILAB and Acupe, they were able to forge a possible parity between academic and folk knowledge. This paper presents the results of this project and reflections on the practices it fostered and the concepts mobilized here.

Keywords: cultural identity; oral tradition - Acupe (Santo Amaro, BA); collective memory; Body crossroads: traditions of the Bahian Recôncavo - Projects.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Arte de divulgação da oficina de samba de roda do projeto de extensão “Corpo Encruzilhada: Tradições do recôncavo Baiano.....	18
Figura 2	Oficina de samba de roda mirim ministrada por Joalice na UNILAB - Campus dos Malês.....	18
Figura 3	Arte de divulgação da Oficina Olharidade: Vivência em Acupe.....	21
Figura 4	Porto de Acupe.....	21
Figura 5	Oficina Olharidade.....	22
Figura 6	Oficina Olharidade.....	22
Figura 7	Aparição do Nego Fugido em Acupe.....	23
Figura 8	Arte de divulgação da oficina de Mandus e Bombachas.....	25
Figura 9	Figuras dos mandus e bombachas.....	25
Figura 10	Arte de divulgação da oficina de capoeira e maculêlê.....	27
Figura 11	Oficina de maculêlê.....	28
Figura 12	Oficina de capoeira.....	28
Figura 13	Vivência no mangue Dom João, experimentando a lama.....	30
Figura 14	Dona Joca demonstrando como é feita a retirada do caranguejo.....	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CORPO ENCRUZILHADA: TRADIÇÕES DO RECONCAVO BAIANO	15
2.1	DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES PLANEJADAS.....	16
2.2	OFICINA DE SAMBA DE RODA.....	17
2.3	OFICINA OLHARIDADES: VIVÊNCIAS EM ACUPE.....	19
2.4	OFICINA MANDUS E BOMBACHAS.....	23
2.5	OFICINA DE CAPOEIRA E MACULELÊ NO DOM JOÃO- SÃO FRANCISCO DO CONDE- BA.....	26
2.6	VIVÊNCIAS NO MANGUE DOM JOÃO.....	28
2.7	DIFICULDADES ENCONTRADAS.....	31
2.8	IMPACTOS.....	32
3	ENCRUZILHADA CULTURAL DO CORPO E MEMÓRIA ACUPENSE..	34
3.1	JULHO: INTERVENÇÃO SOCIAL, POLÍTICA, HISTÓRICA E CULTURAL.....	35
3.2	EU CARETA.....	40
4	BANANEIRA: UM CORPO ENCRUZILHADA PARA ALÉM DO HUMANO.....	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Exposto a todo tipo de violência social e política, Acupe existe e resiste em meio a um verdadeiro caos de conflitos políticos, históricos e mesmo culturais, submetido a caminhar sob trilhos de uma cidade que insiste em manter a comunidade acupense prisioneira de um sistema assustador que “formalmente”¹ a impossibilita de caminhar com seus próprios pés, usando seus próprios calçados.

Acupe é uma comunidade tradicional remanescente de quilombo, o maior distrito de Santo Amaro da Purificação-BA, localizado no Recôncavo Baiano, onde a principal renda dos moradores é obtida através da pesca e mariscagem. Comunidade símbolo de luta e resistência, proprietária de um grande polo de produção e manutenção de culturas e manifestações populares, onde o Samba de Roda, Capoeira, Burrinha, Nego Fugido, Caretas de palha, Caretas de borracha, mandus, bombachas, burrinha, maculelê e tantas outras manifestações culturais desenvolveram ao longo do tempo características próprias e individuais que as tornam únicas.

A comunidade acorda muito cedo, o chamado do mar desperta os pescadores e marisqueiras as vezes bem antes do nascer do sol. Algumas vendas² e bares já estão abertos desde seis horas da manhã à espera dos clientes dispostos a sua primeira dose diária de cachaça ou mesmo só para manter a conversa em dia. Em uma breve caminhada bem cedinho, podemos encontrar mulheres em suas janelas apreciando uma xícara de café quente enquanto observam o dia acordar, alguns pescadores rumam ao mar, outros estão voltando de lá com seus barcos e canoas cheios de peixes; isso quando a pescaria é uma das boas. No porto de Acupe as pessoas já esperam a chegada dos pescadores para comprarem peixes e mariscos frescos, grande parte da memória acupense está na oralidade que é transmitida pelo corpo, suas manifestações culturais são a incorporação das memórias, criando em seus movimentos ações manifestadas que cruzam sua atualidade com sua ancestralidade “escrita” na voz, evidenciando que a oralidade funciona como uma biblioteca móvel. De acordo com Leda Martins

A memória do conhecimento não se resguarda apenas aos lugares de memória (*lieux de mémoire*), bibliotecas, museus, arquivos, monumentos oficiais, parques temáticos,

¹ A palavra formalmente entre aspas significa que Acupe possui condições suficiente para manter sua própria subsistência, pois a maior renda da comunidade é gerada internamente através da pesca, mariscagem e agricultura.

² Pequeno comercio.

etc, mas constantemente se recria e se transmite pelos ambientes de memória (*milieux de mémoire*) ou seja pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos cujas técnicas de procedimentos e transmissão são meios de criação, passagem, reprodução e de preservação dos saberes. (NORA *apud* MARTINS, 2003, p.71)

A comunidade possui muitas ruas sem pavimentação, a carência nas políticas públicas é visivelmente e olfativamente percebida através dos córregos de esgoto que atravessam as ruas e vão em direção ao porto poluindo e contaminando a maior fonte de obtenção de renda e recursos de subsistência. A precariedade na saúde e o olhar desatento para a educação dos governantes políticos colocam Acupe em situação de vulnerabilidade. A inexistência de uma possível consciência ambiental de uma parte da população contribui para Acupe se manter em situação degradável. É possível dizer que exista um certo conformismo de uma parte da população, o que é bastante comum sendo que a convivência diária com as ruas decoradas por lixo e banhadas por esgoto fazem parte da realidade e já se tornou uma questão comum. Existe uma expansão e ocupação territorial na comunidade, somente nos últimos dez anos uma quantidade de mais ou menos cinco ruas foram introduzidas a comunidade, Acupe continua aumentando seu número de habitantes e sua ocupação territorial que diretamente afeta questões ambientais pelos problemas causados pelo acúmulo de lixo soterrado e a quantidade de esgoto que é despejado nas ruas. Atualmente Acupe só conta com a coleta de lixo realizada pela prefeitura para manter a “organização” e “limpeza” das ruas que não dar conta da demanda do crescimento da população e do lixo produzido, além do fato de que nem todas as ruas contam com a coleta adequada, sem contar com a total inexistência de rede de esgoto que possa favorecer o destino “correto” desses resíduos prejudiciais a saúde humana, a vida no mar e o equilíbrio sustentável.

Aprendi desde muito cedo que a história da minha cor, era uma história negada, sem valor, esquecida e desprezada. Os livros pelos quais estudava “história” me diziam isso a cada página folheada; eu era inocente, nunca tinha ouvido ou visto o outro lado da história, pois era arrancado do meu alcance, ninguém queria discutir o que era ser negra e negro, pois a escola me ensinava a ser branca, meus livros eram brancos, meu caderno era branco, até meu lápis preto era branco pois minhas mãos escreviam e reproduziam histórias brancas o tempo todo.

As manifestações culturais sempre me atraíram profundamente, é algo inexplicável, intraduzível, são emoções que tomam profundamente meu corpo e meus pensamentos, me jogam num estado de completa transição entre meu corpo e uma espiritualidade ainda não

determinada. O desejo de estar mais próxima a esse universo amplo e complexo das artes culturais me guiaram a criar de fato um sentimento de proximidade e pertencimento aquele mundo de renascimentos, de diversos significados e códigos minuciosos.

Foi nos meados do ano de 2015 que tive meu primeiro contato direto com as artes e manifestações culturais acupenses, a oportunidade surge quando começo a frequentar um grupo de teatro que tinha a proposta de fazer uma pesquisa sobre o corpo, alma e espaço, que trabalhavam com aspectos culturais locais e de outros estados, era uma verdadeira pesquisa de corpo, música, dança, luta, resistência e espiritualidade, característica fortemente encontradas nas manifestações culturais brasileiras, foram momentos que me permitiram ver de outras formas e dar novos significados a coisas que antes eram despercebidas Foi onde conseguir ter as primeiras impressões de um pensamento mais crítico a respeito das coisas que aconteciam ao meu redor sobre questões políticas, ambientais e sociais, além alimentar ainda mais a incansável paixão pelo mistérios que cercam Acupe, me fez compreender que as manifestações, os mitos e as lendas não eram apenas aquilo que eu conseguia observar, ouvir e tocar, todas as experiências marcaram camadas da minha pele, alma e pensamento, me fazendo admirar e respeitar ainda mais tudo aquilo que a partir daquele momento me sentir pertencente, foi um abraço que envolvia todo meu corpo e espírito, unindo-os profundamente, a cada encontro uma nova emoção, um novo sentimento surgia, me sentir representada e presente, tudo agora fazia mais sentido eu começava a compreender porque que as culturas e o mês de julho me despertava tanto interesse e curiosidade.

O Teatro das Aparições foi a primeira universidade que frequentei, a única que precisava estar naquele momento. Em 2016 quando entrei na UNILAB em diversos momentos me sentir deslocada, não me reconhecia no curso, no espaço, eram aspectos que me faziam sentir falta de ver o que eu realmente acreditava, queria encontrar uma forma de fazer Acupe estar lá dentro para me sentir mais familiarizada com esse espaço ainda tão limitado as suas referências bibliográficas de autores famosos sempre tentando encontrar uma explicação ou provar algo novo ao mundo, provar suas verdades que algumas vezes me esmorece e que não cabem tão bem as verdadeiras realidades, pelo menos não a minha, palavras enquadradas as suas paredes reforçadas ao discurso internos que só me reforçavam a ideia de que aqueles textos não coincidiam com a minha história e que seus termos difíceis de compreensão não diziam nada de tão importante ou com alguma relevância significativa a minha realidade e a realidade acupense, como, negra, quilombola filha de marisqueira, as referências e teorias acadêmicas,

européias e brancas não dão conta de explicar ou tentar entender práticas centenárias que fazem parte da realidade histórica; social política e cultural dessas comunidades que a muito tempo são massacradas e violentadas sendo servindo como objeto de laboratório para tentar suprir o ego branco de “pesquisador” das práticas de vida de comunidades ditas tradicionais, inventaram termos para nos enquadrar, esqueceram das especificidades, colocaram-nos como singulares, como um zoológico onde olham de fora sem ao menos pisar no chão de verdade, os escritos, as fotos, os vídeos não capturam nossas imagens nem nossa realidade, somente concretizaram as simples impressões de observações.

A experiência com o teatro e um maior aprofundamento nas questões de cultura popular foi o que fez elevar meu interesse nas práticas culturais e me sentir ainda mais pertencente a minha própria realidade, pois infelizmente o sistema de políticas de igualdade social e cultural não vale pra quem é negra e pobre moradora de uma comunidade tradicional remanescente de quilombo. Com um grupo de mais ou menos dez pessoas guiadas por Monilson trabalhávamos e pensávamos onde é esse espaço a relação entre ele. Consegui observar o quanto é violento e degradante como as comunidades tradicionais negras são tratadas, reféns de um reflexo de realidade que não condiz com sua própria história. O laboratório de sensibilidade surge com a ideia de um espaço que vai além do enquadramento físico de um espaço, o laboratório era uma vivência interna pessoal e plural, muitas ações foram realizadas durante esse período.

O laboratório de sensibilidades nos possibilitou realizar diversas atividades voltadas para as crianças, onde elas transformavam o espaço do laboratório em um lugar de diversas possibilidades, pontos de encontros e descobrimentos de si mesmas, apesar da limitação do espaço geográfico do Laboratório, as crianças conseguiam elevar, transformar e expandir o espaço em uma extensão para além dos quadrados das paredes, onde seus corpos e seus pensamentos eram postos sempre em constante quebra dos seus próprios limites, testavam as possibilidades dos seus corpos, realizando diversas cambalhotas, testavam o nível de flexibilidade e quão divertido era brincar e explorar seus corpos e os corpos dos amigos.

Além do teatro outras atividades eram atreladas ao laboratório como aulas de capoeira, aulas de artes visuais e reforço escolar. Ressalto que fazer parte desse universo me transformou e me fez dar os primeiros e mais importantes passos para tentar me descobrir no meu próprio espaço. Sinto-me profundamente feliz por essas experiências terem valido a pena, apesar do

afastamento das parcerias do grupo, o que normaliza essas relações e fazem parte desse processo constante de resistência.

O presente trabalho de finalização de curso relata parte do processo de minha iniciada trajetória de vida e experiências obtidas em Acupe – Santo Amaro- BA, tendo como objetivos a valorização cultural, histórica, geográfica e oral da comunidade, como esses elementos sociais se comunicam numa encruzilhada de relações estabelecidas entre os comportamentos e ações exercidas pela população. Acupe se encontra nas encruzilhadas dos tempos e dos espaços, as manifestações culturais é onde esses cruzamentos de corpos e memórias tomam forma e força expressiva e espiritual.

Gostaria de enfatizar que Acupe não cabe num simples formato de organização de pesquisa acadêmica, sua profundidade social, geográfica cultural, histórica e política ultrapassam os limites obrigatórios das normas ABNT.

O “Corpo Encruzilhada tradições do Recôncavo Baiano” foi o projeto de extensão que tinha como objetivo a valorização dos conhecimentos dos mestres e mestras da cultura acupense, o projeto visou a disseminação e visualização das práticas culturais da comunidade, infelizmente os conhecimentos dessas pessoas não é de fato valorizado na pratica, é comum ouvir os discursos acadêmicos dizerem que o conhecimento popular é tão importante quanto o acadêmico e possuem o mesmo valor, me dói e entristece profundamente saber que isso não é verdade, nas páginas de referências de produções acadêmicas estará as bibliografias de teóricos ou de quem precisou submeter sua pratica a teoria subversiva, a realidade é que a oralidade é marginalizada e inferiorizada.

Esse trabalho está dividido em três capítulos, cada um dividido em pequenos subcapítulos. No primeiro trago uma espécie de relatório sobre as ações que foram desenvolvidas ao longo dos seis meses de duração do projeto “Corpo Encruzilhada Tradições do recôncavo baiano”, apresentando os aspectos de execução do projeto; Desenvolvimento das Ações planejadas, as oficinas e conversas com os mestres e mestras: Oficina de Samba de Roda, Oficina Olharidades: Vivências em Acupe, Oficina Mandus e bombachas, Oficina de capoeira e maculelê no Dom João- São Francisco do Conde- BA e Vivências no mangue Dom João. Quais foram as Dificuldades e Impactos obtidos.

O segundo capítulo “Encruzilhada cultural do corpo e memória Acupense” retrata o sentido do mês de julho para a comunidade e como Acupe se comporta nesse período que carrega grande força espiritual e ancestral, o papel das manifestações culturais; função social, política e religiosa. A intervenção e mediação espiritual e social do mês de julho na comunidade, ressalta quais são os problemas ambientais e políticos que sofremos em Acupe, as manifestações denunciam os problemas da comunidade através das suas performances além de estar na encruzilhada temporal de mundos natural e sobrenatural que são trazidos na memória do corpo ancestral enfatiza o deslocamento do corpo que perpassa sobre as diferentes funções na comunidade criando novas configurações e memória corporal que são visualizadas nas performances das manifestações. A segunda parte desse capítulo “Julho: intervenção social, política, histórica e cultural” retrata especificamente do mês de julho como condutor de interferência política e ritualística religiosa com função de proteção e limpeza física e espiritual. A terceira parte “Eu careta” conto minha experiência de ter participado do processo de ritualização e proteção espiritual de Acupe quando saio no grupo das Caretas de palha no ano de 2016.

O último capítulo “Bananeira: um corpo encruzilhada para além do humano” teço uma reflexão sobre a bananeira elemento que fundamenta, que dá corpo as manifestações de julho em Acupe e também elemento chave do principal oferecido a todos os orixás, o akassá, penso a bananeira como corpo encruzilhada presente e ocupante de espaço sem necessitar de interferência humana direta, condutora da passagem de mundos. O corpo encruzilhada que ultrapassa os limites do corpo humano.

2 CORPO ENCRUZILHADA: TRADIÇÕES DO RECONCAVO BAIANO

Através de conversas entre professores(a) surge a ideia de realizar um projeto de extensão que tivesse como centro a fomentação algumas das práticas culturais de Acupe, admito que no início me senti um pouco receosa sobre como poderia proceder o encaminhamento e desenvolvimento com o projeto, até mesmo pela minha inexperiência de estar articulando um projeto com temática tão simbólica representativa, senti que deveria ter muito cuidado em como as manifestações iriam ser apresentadas na UNILAB, mesmo a universidade tendo particularidades que as diferencia em termos culturais, institucionais e internacionais, porém que não trazem de forma tão significativa as culturas populares, pelo simples motivo de ainda haver uma grande diferença na forma como as culturas e os conhecimentos populares ainda são visualizados na academia, as academias que tentam trabalhar com as comunidades e com seus saberes ainda de forma incompreendida, muito vaga, tentando encontrar termos acadêmicos para definir algo que ainda parece desconhecido mas é a realidade vivida em muitas comunidades. Para se ter uma relevância maior esses conhecimentos precisam ser impressos em palavras incompreensíveis e guardadas em bibliotecas inacessíveis aos protagonistas, tirando o direito de qualquer intervenção que as comunidades possam fazer a respeito de sua própria forma de vida, a ideia do projeto “Corpo Encruzilhada: Tradições do recôncavo” foi totalmente contrária a essa violência pois toda interferência e trabalho realizado foram feitos a partir dos próprios mestres e mestras, sem que houvesse na prática qualquer intervenção bibliográfica, eles guiaram todas as atividades a partir dos seus conhecimentos e experiências de vida e das manifestações culturais.

Os primeiros passos para o desenvolvimento do trabalho foram dados lentamente, pois mesmo eu sendo da comunidade, conhecendo toda a realidade e a forma como as pessoas se relacionam, foi preciso muito cuidado e cautela quando fomos ter as primeiras conversas com alguns dos mestres e mestras, pois não queria que de forma alguma eles se sentissem meros objetos de observação como há muito tempo são tratados, a ideia era de mostrar como seus conhecimentos são tão profundos e importantes quanto aqueles que são produzidos em uma realidade que poucos conseguem alcançar e que mesmo com suas limitações esses conhecimentos têm muito valor. Os mestres e mestras aceitaram ser os nossos professores durante esses seis meses, muito conhecimento foi produzido, para muitos que participaram desse processo e que antes nunca tiveram um contato mais direto com manifestações populares puderam obter experiências incríveis que por muito tempo se fixarão nas suas memórias.

O projeto foi uma ação desenvolvida por muitos colaboradores, pensado e posto em prática por muitas mentes conscientes do seu espaço e da responsabilidade que tem na manutenção dessas práticas como meio de resistência e questionamento político e social. Os mestres e mestras que fizeram parte dessa equipe foram; Joalice do samba de roda Raízes de Acupe, Cristiane e Eliete do grupo Mandus e Bombachas, Monilson do Nego Fugido, Mestre Caiçara do grupo de capoeira Raízes de Acupe, o contra mestre Dumdum do grupo de capoeira Liberdade e Dona Joca liderança política do Quilombo Dom João- SFC.

2.1 DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES PLANEJADAS

O projeto desenvolveu oficinas e práticas da cultura popular encontradas no recôncavo baiano, especificamente performances culturais da comunidade de Acupe-Santo Amaro-BA, com diversos objetivos a cumprir, um deles foi de fomentar essas práticas culturais e valorizar os conhecimentos dos mestres e mestras, criando um intercâmbio e cruzamento de conhecimentos entre a comunidade acadêmica e comunidades tradicionais equiparando esses conhecimentos e assim nivelando essas duas interfaces de produção de conhecimento.

A ideia de Encruzilhada trabalhada no projeto remete a ideia de trânsito entre as relações de espaço, corpo e culturas, como a comunidade acupense se relaciona com seus aspectos culturais, trânsito corporal entre diversos espaços, diversas manifestações, diversas religiões e corpos, o corpo do pescador que também é o corpo presente no samba de roda que também está na capoeira, que ainda está no nego fugido, atividades ritualísticas que se movem, perpassando suas próprias experiências corporais. Antes de fazer parte do polo estudantil da UNILAB eu já ouvia essa palavra, sempre expressada nas atividades teatrais realizadas por Monilson que trazia esses significados de Encruzilhada trabalhado dentro das especificidades acupenses, envolvendo a realidade dos moradores que possuem vários papéis na comunidade, são artistas, dançarinos, cantores, tocadores, atores e atrizes que usam as relações das nossas terras para desenvolver suas próprias ações artísticas culturais e individuais

As ações do projeto foram divididas em seis etapas nos meses de Junho, Julho, agosto, setembro, outubro, novembro e Dezembro, somente uma delas foi realizada no Campus, as outras ações foram desenvolvidas entre as comunidades de Acupe - SA, Dom João - SFC e Jabequara – SFC.

2.2 OFICINA DE SAMBA DE RODA

A primeira oficina do Corpo Encruzilhada: Tradições do Recôncavo Baiano foi realizada no dia dez de junho de 2017, ministrada por Joalice do Samba de roda Raízes de Acupe. A mestra iniciou sua fala apresentando os prazeres e as dificuldades de manter viva essa cultura que há centenas de anos faz parte da realidade Acupense, por isso ela tomou a iniciativa de criar um grupo de samba mirim, trabalhando com as crianças e ensinando os valores culturais e importância da manutenção das práticas. Ela vê nas crianças o potencial e a esperança de manter o samba resistindo na comunidade. Além disso, seu trabalho também cumpre uma função social e educativa, pois Acupe sofre com alto índice de jovens envolvidos com o tráfico e consumo de drogas, o samba na vida dessas crianças oferece um acolhimento e educação cultural oferecendo uma alternativa à futura inserção desses jovens no mundo das drogas. A comunidade é extremamente pobre, as escolas públicas com péssimos recursos de manutenção favorecem a saída desses jovens. Com samba, essas crianças começam a desenvolver espírito de pertencimento e valorização sobre suas práticas culturais que contribuem pra formação suas identidades culturais.

O samba chula tem o incrível poder de unir as emoções em movimentos rasteiros dos pés e o balanço do quadril que encanta quem dança e a quem vê, além de ter uma característica de aproximação que atrai corpos e mentes ao som dos instrumentos e dos cantos dos mestres e mestras, e foi nesse ritmo que iniciamos a primeira atividade do ciclo, a Mestra Joalice trouxe o grupo de samba de roda Mirim, citado anteriormente. A mestra também nos apresentou os diferentes tipos de samba de roda, como por exemplo a diferença entre o samba corrido e o chula, os instrumentos que são usados, algumas musicas, o que elas representam e como o samba de roda chegou a fazer parte da sua vida, realmente foi um momento de muita troca de aprendizagem pratica e teórica, pois samba não se aprende explicando com palavras, então levamos pro corpo tudo o que estávamos sentindo de acordo ao som dos instrumentos e dos cantos que ecoavam por todo campus, os pés, as mãos, a vós, todo o corpo, expressavam toda a emoção e representação histórica e cultural que estávamos sentindo, era nítido a forte relação que os mestres tocadores tinham com os instrumentos e com os cantos, os instrumentos pareciam fazer parte do corpo deles, uma verdadeira extensão entre corpo alma e corpos, eles passavam o que um dia aprenderam com seus antigos, com os que vieram antes, e é essa a função do grupo, passar pros mais novos o amor, o respeito e a história do seus antepassados que lutaram e resistiam pra que hoje possamos nos apreciar impactados com tanta sabedoria

móvel, catada e dançada. Nesse sábado estávamos todos atentos as falas que Joalice desenhava com sua voz, sobre a história do Samba de roda na família dela e em Acupe, das dificuldades que o grupo enfrenta em se manter e dos prazeres, dores e amores que o samba de roda proporciona.

A atividade foi finalizada ao som de mais samba de roda e com uma roda de conversa no qual as crianças puderam apresentar suas ideias a respeito do Samba de roda e de Joalice, mesmo ainda bastante tímidas, podemos perceber que tudo aquilo que elas não conseguiam expressar através da fala elas apresentam no corpo como algo que fora tatuado e que já faz parte das suas expressões corporais.

Figura 1 - Arte de divulgação (2017)



Figura 2 - Oficina de samba de roda com Joalice



Foto: Elimar Pereira (2017).

2.3 OFICINA OLHARIDADES: VIVÊNCIA EM ACUPE

A segunda atividade que aconteceu entre os dias 22 e 23 de julho em Acupe, Oficina Olharidades: Vivência em Acupe, foi dividida em duas etapas, no primeiro momento Monilson, um dos maiores mestres da cultura popular e capitão do mato, (personagem do Nego Fugido) conduziu a oficina Olharidades em Acupe, a oficina se transformou em um momento marcante, que foi caracterizada por traços de luta, religiosidade, resistência e teatralidade, pontos-chaves da manifestação cultural Nego Fugido manifestação que inspirou a oficina, foram algumas horas de conexão com a terra, experimentação do processo ritualístico de lixar o carvão, elemento usado na maquiagem do nego fugido, lixar cada pedaço daquele material e reproduzir as palavras cantadas como canto responsorial causou em mim um estado de esquecimento sobre o momento atual que estava vivendo, não era mais uma oficina, era meu corpo, meus ouvidos, minha voz e minha alma conectados ao mundo desconhecido, “é conversar com “bakulu”, ancestrais, numa experiência pessoal” (FU-KIAU, 1991), era minha experiência pessoal, aquele não era somente um momento de partilhar o espaço com quem estivesse presente, era um momento de compartilhar o espaço e eu comigo mesma, esvaziar e preencher minhas experiências num processo de algo que vinha e ia, perpassava sobre meu corpo e minha alma, pude sentir conexões antes nunca percebidas com aquela terra, e o calor e as vozes que saíam dos outros presentes e conectados num ritmo que acelerava e diminuía ao mesmo tempo, me trazia de volta aquela realidade, aquele momento presente que me escapava toda vez que me concentrava na raspagem do carvão, que logo se transformou em um pó caracterizado e concentrado, sua textura ainda em pó era leve e delicada, o óleo que é colocado dando uma outra textura, agora uma mistura consistente, forte e brilhante. Espalhado na primeira camada de pele e que aos poucos vai perfurando todas as camadas do subconsciente, entramos na ligação, na porta de entrada e saída ancestral que nos abraça e acolhe nossos corpos nos protegendo e alimentando nossas mentes de um poder de luta antes não percebidos, as vozes, os gestos, o silêncio, por um momento só conseguimos o silêncio, não conseguimos falar muita coisa depois que termina a profunda experiência. Toda aquela corrente de energias circulares que caminhavam sobre nossos corpos, agora estava presente coletivamente. Para sairmos do transe inconsciente alcançado pela condução de Monilson, ele sugere num segundo momento algumas brincadeiras, conhecidas como brincadeiras de terreiro, uma das brincadeiras utilizadas foi o “boca de forno” brincadeira muito comum em diversos lugares do recôncavo, o “boca de forno” se caracteriza com a presença de um mestre que solicita ações do restante do grupo, e o não cumprimento dessas demandas ocasionam a um castigo que no caso será um

“bolo” dado nas mãos de quem não cumpriu, e uma sacada muito inteligente de Monilson foi solicitar do grupo que entrasse em contato com os moradores da comunidade e começasse a conversar com eles, e assim conhecer um pouco esses moradores, a intenção foi de criar laços de aproximação e realmente incorporar a ideia de viver uma real experiência em Acupe, trabalhando relações em poucos minutos mais que foram suficientes para se tornar inesquecível, confesso que dessa atividade eu não participei na ideia de entrar em contato com um morador, pois me concentrei na observação dos meus colegas entrando em contato com as pessoas, uma cena que ficou marcada na minha cabeça foi de um colega que se sentiu tão a vontade com a atividade que ao iniciar a conversa com morador que acompanhava todo o movimento das oficinas, sentado no muro da sua casa, ele também se sentou e conversaram como se já tivessem se conhecido antes, acho que essa brincadeira teve um caráter de aproximação tão profundo e belo de se observar, que se tornou comum as conversas, inclusive umas pessoas demoraram bastante tempo para retornar a próxima etapa da brincadeira, na finalização das atividades daquele dia, em um roda girando com palavras que tentavam descrever a experiência vivida, muitos não falaram nada, o silêncio naquele momento ainda conseguia dizer muito sobre o que acabara de acontecer.

No dia 23 a equipe do projeto e os inscritos pra oficina acompanharam as manifestações culturais de Acupe que acontecem todo domingo do mês de julho.

A profundidade das palavras, dos cantos, dos toques de atabaques, do processo de preparação da saída dos grupos as ruas, os corpos expostos todos com o mesmo propósito de contar a história de resistência e luta dos moradores de Acupe no período escravocrata, e expressar através dos corpos a luta incansável de um povo que clama pela sua liberdade e grita pela carta de alforria nos dias atuais. O Nego Fugido trás com suas aparições todas as problemáticas sociais e políticas da comunidade de Acupe, um antigo engenho que fora e continua sendo massacrado pelas injustiças políticas, vivendo a margem de todo e qualquer direito digno que um povo merece ser reconhecido por todo seu processo de formação, luta e resistência, e foram essas as principais mensagens passadas por essa incrível experiência vivido em solo quilombola grande símbolo de manutenção cultural do Recôncavo Baiano, vale também salientar que através da condução de Monilson, algumas pessoas que participaram das oficinas se emocionaram muito, pois conseguiram internalizar e perceber a grandiosidade do poder da espiritualidade que Acupe carrega na sua história, isso ficou muito nítido nas expressões dos olhares de algumas pessoas, que se deixaram levar de verdade pelo momento, as lágrimas que corriam de alguns olhos

mostravam que o que estava acontecendo e que era realmente uma reparição das dores e lutas vividas pelos antepassados da comunidade, e que mesmo com o passar dos séculos, Acupe e sua história ancestral permanece refém das violências sociais e políticas, o que não enfraquece de forma alguma a luta, continuamos de pé, continuamos dançando, tocando e cantando nossa realidade, nosso passado, presente e futuro, nossa relação com a terra e a sua valorização nos dar forças para continuar lutando pelos nossos direitos, nossa relação interna e externa, nossos conflitos. “É o que nós somos porque nós somos uma parte disso” (Fu-kiau 1991)

Figura 3 - Arte de divulgação da atividade (2017)



Figura 4 - Porto de Acupe



Foto: Elimar Pereira (2017).

Figura 5 - Oficina olharidades



Foto: Elimar Pereira (2017).

Figura 6 - Oficina olharidades



Foto: Elimar Pereira (2017).

Figura 7 - Aparição do Nego Fugido



Foto: Elimar Pereira (2017).

2.4 OFICINA DE MANDUS E BOMBACHAS

No dia 26 de agosto realizamos a terceira atividade, com a mestra Cristiane, a oficina foi de Mandus e Bombachas, o evento foi na escola no distrito de Jabequara – SFC – BA.

Cristiane nos apresentou várias versões sobre as aparições mandus e bombachas, mostrou como que as roupas são customizadas e sua história de vida dentro do grupo. Uma das versões contadas por Cristiane é de que os mandus e bombachas são responsáveis pela purificação de Acupe durante o mês de julho pra livrar a comunidade da praga rogada por Icu (Deus da morte) relatos que podem ser encontrados na oralidade da comunidade e também na dissertação de mestrado de Monilson “Nego Fugido: O teatro das aparições”. Ela nos contou ainda que na época da escravidão, quando as coisas não estavam indo bem no Engenho São Gonçalo, o dono de escravo inconformado com a falta de lucratividade consulta Iku (Deus da morte) e começa a fazer oferendas de escravos fugidos e rebeldes, ele oferecia escravos ao espírito em troca de melhorias nas suas plantações, depois de um tempo oferecendo vidas a Iku, ele percebe que continua falindo e que não estava adiantando as oferendas, então ele resolve parar com as oferendas, por conta disso Iku se revolta e joga uma praga em toda localidade, que durante todo mês de agosto muitas pessoas iriam ter suas almas tomadas por ele, a partir daquele momento começaram a morrer muitas pessoas na localidade durante o mês de agosto. Padres e outros religiosos se reuniram pra pedir ajuda aos espíritos bons para purificar as ruas de Acupe durante

o mês de julho para amenizar a fúria de Icu. É aí que surgem os Mandus, como espíritos bons que saem as ruas para fazer uma limpeza profunda espiritual nas ruas. Além de nos apresentar essa e mais outras versões dos surgimentos dos mandus e bombachas na localidade, ela mostrou como os participantes do grupo se entregam a manifestação, onde seus corpos já não pertencem mais a eles, a teatralidade inconsciente de não atores agora é quem está em cena, Cris também nos apresenta os gemidos produzidos pelos mandus e bombachas quando eles estão nas ruas, esses gemidos são usados para espantar os maus espíritos.

Cristiane também retrata das dificuldades de manter o grupo e a tradição dos mandus e bombachas viva, sem apoio para manutenção das roupas e acessórios, uma realidade encontrada em todos os grupos das manifestações acupense.

Foi um momento muito divertido e valioso inclusive pra mim que convivo a anos com essas aparições nas ruas de Acupe, primeiro pelo fato de nunca ter visto como as roupas e acessórios ganhavam forma de mandus e bombachas, isso sempre me chamou atenção e despertava curiosidade, pois as figuras possuem traços corporais incomuns, e outra era de ter me vestido, ver as coisas ao meu redor com olhos de mandu foi emocionante, e sempre ouvir dizer que mandu não pode cair porque não levanta mais, e isso é verdade, a roupa impossibilita de realizar alguns movimentos por nossos ficam limitado a movimentos, e mesmo sabendo que existe essa manifestação inclusive em São Francisco do Conde, houve um momento em que todas(os) saímos do colégio e fomos brincar na rua, então surgiu um estranhamento das pessoas que passavam e viam aquelas figuras com certo distanciamento sem entender muito bem o que estava acontecendo em um dia comum na comunidade.

Figura 8 - Arte de divulgação (2017)



Figura 9 - Oficina de Mandus e Bombachas, a figura vestida de paletó e cabeçorra são os mandus e as bombachas são as que tem formato de pamonha



Foto: Elimar Pereira (2017).

2.5 OFICINA DE CAPOEIRA E MACULELÊ NO DOM JOÃO - SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA

A oficina foi ministrada pelos mestres Caiçara, do grupo Raízes de Acupe, e o contra mestre Dundum, do grupo Liberdade e aconteceu no quilombo Dom João. Fomos recebidos na comunidade do Dom João especificamente na casa de Joselita Gonçalves dos Santos, (Dona Joca), uma das professoras alunas da Unilab, mestra detentora de uma enorme diversidade de conhecimentos territoriais, uma mulher forte que luta com muita garra pra defender seu território do estado opressor e das grandes empresas como a Petrobrás que põem em risco a vida e a geração do quilombo. Uma líder que emana sabedoria nas suas palavras e ações, seus pés e sua voz sempre dispostos a dançar e cantar o samba que já está fixo em seu corpo e memória, posso dizer firmemente que a universidade não é capaz de abarcar tanto conhecimento que mestras como Dona Joca possuem.

O cruzamento de história de formação territorial do Dom João e de Acupe, além da principal forma de obtenção de renda, sendo ela a maré, e tantas outras características culturais e territoriais que ligam e religam memórias, ativando o reconhecimento espacial, fez com que a oficina de capoeira e maculele realizada no dia 21 de outubro, tivesse um ponto especial, que fez criar uma sintonia onde todos puderam se conectar no mesmo mundo e no mesmo som, podemos dizer que realmente a sensação foi de estar em casa, não dá pra descartar essa a emoção sentida tanto pelos grupos de capoeira que ali estavam, quanto por mim, pois sentir a terra nos pés e as árvores que acompanhavam a sintonia de todos que curtiam o momento segundo por segundo, unindo natureza e cultura, “O prazer imprime uma marca: a impressão de um lugar. É a excitação dos meus sentidos que me traz à memória um conjunto de cores e tons, o ângulo da luz” (TSING 2015, p.181), tinha consciência de estar num lugar sagrado, o respeito pelo espaço me trouxe a tona memórias antigas de um outro quilombo presente nos meus dias e nas minhas ações, Acupe é o meu processo de formação ideológica e cultural, minhas raízes moveis que me faz descobrir a cada dia um novo lugar dentro de mim mesma e na geografia do meus espaços.

O dia 21 de outubro realmente foi um sábado inesquecível para todos aqueles que puderam sentir a energia que surgia daquela sagrada terra, da música e dos toques que ecoaram a todos os ouvidos sensíveis humanos e não humanos que poderão capturar a essência e importância de se manter uma cultura que grita por respeito, mestras e mestres ricos de sabedoria e

conhecimentos prontos e dispostos a disseminar seus saberes por todos os cantos, para que todos possam compreender o poder das sábias palavras ancestrais tão importantes para o equilíbrio entre corpo e espírito, voz e silêncio, a balança da vida acupense estar nas praticas, no fazer e no transformar o giro de um mundo dentro de outros mundos que se cruzam entre capoeira, samba de roda, nego fugido, caretas de palhas, mandus, bombachas e tantas outras performances culturais que compõem a comunidade acupense.

Figura 10 - Arte de divulgação (2017)



Figura 11 - Oficina de maculelê



Foto: Elimar Pereira (2017).

Figura 12 - Oficina de capoeira



Foto: Elimar Pereira (2017).

2.6 VIVÊNCIAS NO MANGUE DOM JOÃO

Na última atividade realizada nos dias 08 e 09 de dezembro tivemos o objetivo de apresentar resultados obtidos e resgatar uma memória em outro momento fizemos um reconhecimento mais aprofundado do espaço, principalmente dos mangues, Dona Joca falou sobre os diferentes tipos de manguezais, sua flora e fauna diversificada, como os processos de invasão territorial da Petrobrás alterou o equilíbrio da vida no local, e como as espécies tiveram que se adaptar a

nova realidade e os problemas ambientais causados. Dona Joca é uma grande líder política do Dom João, sempre envolvida nos problemas políticos e sabotagens que a comunidade sofre, ela é uma mulher que com todos os problemas não desiste da luta, uma mulher que canta, dança e encanta com suas palavras recheadas de sabedoria, ela sabe como ninguém resistir e ultrapassar as barreiras impostas pelo sistema social e político que dita padrões que não cabem mais as mulheres negras e quilombolas, assim como nossos antepassados lutaram pelo direito as suas terras, essa luta é nossa e atual, ainda sofremos com o preconceito geográfico e isso só multiplica nossa sede de reconquistar aquilo que continua sendo arrancado das nossas mãos, nossas terras, nossos mares, as plantas e os animais são o que contribuem para nossas identidades e dão sentido a nossa luta e persistência no que acreditamos, “O mundo natural é o mais seguro e rico laboratório da raça humana.” (Fu-kiau 1991) perder esse mundo é perder a nós mesmo, é se desencontrar com nossa essência ancestral e espiritual, se perdemos a terra, se perdemos as manifestações se desistimos, tudo deixa de fazer sentido, deixamos de existir, nossa essência morre. Dona Joca é a verdadeira representação dessa ideia.

Conhecer as dificuldades vividas no Dom João, me remeteu as dificuldade vividas em Acupe, despertou minhas memórias de criança quando ia pra maré com minha mãe e via ela entrando no mangue sem nem uma proteção ou calçado adequado para proteger seus pés dos cascalhos de ostras, ela invadia o mangue e trazia dele o que mais tarde se transformaria em roupas e materiais escolares, eu não compreendia aquele espaço e o trabalho da minha mãe como dificuldade, pra mim era uma diversão, brincar e admirar as paisagens que se transformavam a cada passada, era o mesmo trajeto sempre com impressões e observações diferentes, um monte de mulheres com seus sacos vermelhos na cabeça pesando até mais que o próprio peso de algumas delas, sacos cheios de mariscos, peles marcadas pelo sol que ardia na pele coberta por uma camada leve de sal que as torturavam ainda mais, porém me recordo que elas iam e voltavam da maré sempre sorridentes, contando piadas, e até xingando umas as outras, não posso dizer que elas gostavam do trabalho, mais sei que elas se acostumaram com a realidade, de forma inconsciente elas sabiam que havia um significado por trás, não era só o trabalho por trabalho, era o sentimento de pertencimento e proteção, elas não tinham medo de nada, também era a casa delas, historicamente a história de Acupe é a história do mangue, elas compreendiam e sempre agradeciam.

Dona Joca e Monilson não conduziram somente uma experiência/oficina de vivência prática no mangue, eles ativaram minhas memórias com seus cantos e brincadeiras, dançamos e sentimos

a lama na pele e a pele na lama como se uma completasse as necessidades da outra numa ligação de familiaridade mesmo para aqueles que nunca tiveram contato com aquele universo antes, a dificuldade de manter os movimentos na lama densa me fez lembrar novamente as dificuldades que as marisqueiras(os) e pescadores(as) passam pra conseguir retirar os mariscos e peixes e não são devidamente respeitados quando vão vender esses alimentos, sempre escuto ouvir que estão vendendo muito caro, ao menos uma vez na vida todas essas pessoas que reclamam dos preços dos mariscos e peixes deveriam ter uma experiência de trabalhar ou ao menos dar um passeio no mangue, fechamos nosso ciclo de atividades da melhor forma possível.

Figura 13 - Em contato com o mangue Dom João (2017)



Figura 14 - Dona Joca na procura de caranguejo no mangue



2.7 DIFICULDADES ENCONTRADAS

O projeto de extensão Corpo encruzilhada Tradições do recôncavo, passou por algumas dificuldades, na realidade dificuldades mais minhas, em alguns momentos eu sentia que mesmo com as atividades correndo de uma forma tão natural e espontânea, mesmo programadas, organizadas e esquematizadas, sinto que faltou algo a dizer, primeiro porque queria fugir totalmente da ideia de que as culturas populares não são amostras que servem para divertir as pessoas, os olhares encantados que cercam a cultura popular não são os olhares que devem ser impressos sobre manifestações de resistência, luta e poder, não queria que as atividades realizadas caíssem nos estereótipos de diversão e folclore, então muitas vezes me senti retraída, principalmente quando ia expressar as ideias do projeto em eventos, percebia de algumas pessoas que elas não compreendiam o real sentido do que eu estava falando, sentia que meses não é tempo suficiente pra poder expor as facetas culturais da comunidade, e tive medo de passar exatamente essa alusão, porém compreendo que nem seis meses nem seis anos serão suficientes, pois as culturas estão num constante ciclo de modificações e compreensões que vão se renovando a toda instante, as ações culturais são atualizadas de acordo as novas realidades, e as constantes mudanças são extremamente comuns nas dinâmicas das comunidades. Tivemos alguns dificuldades com o cumprimento de algumas das nossas atividades programadas, por

exemplo não conseguimos realizar uma das ações de capoeira, que estava organizada pro mês de setembro com o contramestre Galo do grupo de capoeira Filhos do Cativo.

Temos consciência de que pra existir na prática uma equiparação de conhecimentos na academia na valorização dos conhecimentos “tradicionais” é preciso tempo e persistência, a academia tem um aspecto colonizador, e não quero falar das minhas raízes culturais baseando-as em autores europeus, não quero “academizar” minhas práticas, quero falar sobre elas e sobre mim sem usar os termos quadrados que vão “validar o que estou escrevendo, a ideia de balancear esses conhecimentos ainda estar muito longe de acontecer de fato, pois na teoria querem dizer como devo escrever, então na verdade essa não é exatamente uma dificuldade enfrentada somente pelo projeto, a ideia de valorizar os conhecimentos dos mestres pode ter sido compreendida naquele momento, mas na sala de aula ou as referências são teoricamente autores de academias preenchidos de palavras e conceitos, ou para validar algum conhecimento de um mestre ou mestra vai ser preciso referenciá-los antes aos conceitos acadêmicos, essa dificuldade é nossa dificuldade atual.

2.8 IMPACTOS

É evidente que o projeto trouxe diversos impactos tanto internamente quanto externamente, as ações desenvolvidas trouxeram visualização da comunidade externa para a Unilab e houve visibilidade da comunidade externa.

A unilab-campus dos Malês esta situada em torno do Recôncavo baiano, estabelecer diálogos sobre os problemas que existem no seu lugar de instalação é fundamental para o reconhecimento dos estudantes, técnicos e professores nesse espaço, o campus não está separado da Bahia e muito menos do recôncavo, então encontrar medidas de aproximação da universidade com seu espaço é fundamental e importantíssimo. Muitos professores de fato não conhecem o recôncavo, muitos estudantes que são do recôncavo não se conhecem enquanto recôncavo, o problema é ainda maior em relação aos estudantes estrangeiros que vivem o universo de São Francisco do Conde como se só houvesse essa realidade, é necessário mais aproximação positiva com as comunidades, conhecer pra até mesmo desenvolver projetos de extensão que atinjam de fato as necessidades das comunidades e tirem esses projetos das salas de aula, não dá pra negar que o projeto “Corpo Encruzilhada” teve essa característica muito forte em seu desenvolvimento, conseguimos sair das pequenas paredes unilabianas, são franciscanas e acupenses, fizemos os

cruzamentos de saída e entrada, caminhamos com as ideias dentro e fora da universidade, mais fora do que dentro e isso foi muito importante para o processo de idealização que tenho da universidade, estudantes tiveram a vivência de estar em uma comunidade muito pouco citada na universidade, eles presenciaram como são a rotina das manifestações no seu próprio lugar, os mestres, mestras e algumas crianças e adolescentes também tiveram a oportunidade de conhecer o espaço da Unilab, fizeram também perceber a existência desse espaço e que ele possui uma certa importância histórica e social, pois ocupar esses espaços com nossos conhecimentos, nossas histórias é nos impor como o que somos e o que não devemos deixar de ser para nos enquadrar ao perfil da academia.

As oficinas foram bem aceitas, todas com uma quantidade de participantes interessados em conhecer mais sobre as práticas culturais, sobre a forma de vida da comunidade, estavam sempre bastante atentos e abertos para os conhecimentos que estavam sendo apresentados pelos mestres e mestras.

3 ENCRUZILHADA CULTURAL DO CORPO E MEMÓRIA ACUPENSE

A população acupense se encontra em diversos cruzamentos de funções, as pessoas conseguem facilmente transitar em diversos meios, sendo eles os de trabalho, cultural, artístico ou religioso. A constante circulação entre esses espaços trás uma reconfiguração corporal e espacial, levando em conta a expressividade trazida no corpo dos integrantes dos grupos das manifestações culturais. “Se tratam de comportamentos duplamente exercidos.” (PINTO, 2014, p.15) Esse trânsito corporal é designado por Monilson como “Corpo Encruzilhada acupense”, retrata o cruzamento da população dentro da própria comunidade, incluindo aspectos históricos, religiosos e geográficos que trazem memórias corporais que são apresentadas no corpo e nos movimentos dos manifestantes culturais, além da memória ancestral, movimentos da pesca, da roça, da mariscagem configuram, por exemplo, o corpo do Nego Fugido “No caso do Nego Fugido, a experiência extra cotidiana da encenação de uma revolta de escravos, parece surgir como um passado, real ou mítico, evocado pelos manifestantes de Acupe em correlação com os problemas sociais vividos por eles. (PINTO, 2014, p. 13)

As manifestações culturais não são estáticas ou imutáveis, sendo que não é possível excluir as informações corporais individuais, as configurações geográficas, de tempo, sociais e políticas que se encontram nesses espaços culturais, o samba de roda de cem anos atrás não é o mesmo de hoje, as pessoas não são as mesmas, o espaço não é o mesmo, as questões e problemáticas são outras, a tradição é mantida no seu poder de linkar as atuais realidades ao passado, ao não esquecimento de todo processo de luta e resistências que elas passaram para serem mantidas vivas, está na força ancestral e espiritual de ligação entre almas presentes, almas passadas e as que viram. As encruzilhadas acupenses vão de dentro para fora, de fora para dentro e de dentro para dentro. Uma comunidade remanescente de quilombo com diversas impressões culturais externas consegue mediar as informações de intervenção cultural vinda de fora e principalmente as ações culturais e religiosas internas criando novas configurações de corpo á exemplo no Nego Fugido³ que reconfigura essas informações nas suas aparições.

Os gestos, as movimentações corporais, as maneiras de falar foram observados partindo do pressuposto de que se tratam de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados. Utilizo-me desse conceito central na obra de Richard Schechner, em especial na sua definição de performance, para analisar a corporalidade dos atores/manifestantes a partir de suas práticas sociais: a pesca, a prática religiosa do candomblé, a capoeira, o samba de roda e o maculelê, entendidas como práticas

³ Manifestação Cultural acupense.

expressivas que são deslocadas, metamorfoseadas e recombinadas na composição da performance do Nego Fugido. (PINTO, p. 15, 2014)

Para Leda Martins “A noção de encruzilhada oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais” (MARTINS, 2003, p73). Além da encruzilhada intercultural acupense, a comunidade se encontra num cruzamento de conhecimentos corporais internos, que são adquiridos através das diversas funções e espaços ocupados pelos moradores, esses espaços são a maré, o mar, carpintaria, roça, escolas, rua, etc. Quando acupenses possuem essas memórias de espaço de trabalho se deslocam de um ambiente para outro com muita habilidade e praticidade cruzando seu corpo e remodelando suas experiências. Conseguem transmitir essas memórias nas suas performances individuais como integrantes nos grupos de manifestações culturais.

A encruzilhada possui significado anda mais profundos, que vão além do cruzamento cultural.

Na concepção filosófica nagô/ioroba assim como na cosmovisão de mundo das culturas banto a encruzilhada é lugar sagrado, das intermediações entre sistemas e instancias de conhecimentos diversos, trazido por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção (THOMPSON *apud* MARTINS, 2003, p. 73)

O cruzamento de tempos em Acupe fortemente representado nas manifestações culturais nos remete ao deslocamento de espaço fortalecendo memórias ancestrais e ligando a vida com a morte. Citando como exemplo o Nego Fugido; a ação dos caçadores que deitam sobre suas saias na tentativa de se camuflarem remetendo a camuflagem feitas nas matas pelos caçadores em busca dos escravizados fugidos, reconfigurando os espaços atuais com suas memórias geográficas do passado.

3.1 JULHO: INTERVENÇÃO SOCIAL, POLÍTICA, HISTÓRICA E CULTURAL

Só um profundo sentimento espiritual seria o fio condutor da vida em cativo, com todas as injunções impostas pelas mais terríveis formas de punição e abandono (THOMPSON, 1982, p. 10)

Expressarei aqui minhas observações, impressões e principalmente meu desejo de tentar compreender como a comunidade de Acupe, através de suas manifestações culturais conseguem há centenas de anos atravessar sua história ancestral expressando e apontando diversos pontos

contemporâneos que retratam a vida na comunidade. Os conflitos políticos e sociais dos moradores acupenses estão ligados fortemente a sua ancestralidade espiritual e cultural sem sair da circularidade que compõem seus aspectos identitários durante os domingos do mês de julho.

Luta, resistência, revolta, poder, dor, sofrimento, vida, morte, doença, cura, risos, choro, gritos, silêncio; são alguns dos sentimentos e percepções que conseguimos sentir e presenciar quando a chegada do mês de julho anuncia mais um ciclo da presença das aparições nas ruas acupenses. A Bahia possui grande importância na luta de independência do Brasil, no dia dois de Julho de 1823 a independência da Bahia é finalmente conquistada politicamente, fato que engajou também definitivamente a real situação do Brasil como nação independente, minha intenção não é aprofundar especificamente sobre o processo de luta e independência da Bahia e do Brasil e sim levantar a questão de que Acupe faz um cruzamento histórico através das manifestações culturais, questionando essa liberdade negra clamada atualmente. As manifestações culturais questionam, exatamente no mês de julho quando uma possível independência da Bahia é consolidada, porque que ainda depois de séculos continuamos reféns de uma colônia disfarçada de uma democracia falida e que invisibiliza espaços ícones de luta e resistência e discrimina povos quilombolas, indígenas, ribeirinhas e tantos outros que são massacrados diariamente por novos donos de engenhos disfarçados, porque crianças, adolescentes, adultos e idosos negros e pobres ainda precisam lutar diariamente por sua independência e direito de viver? Nós mulheres e homens negros/os e pobres precisamos lutar todos os dias para nos manter libertos e vivos, o grito pela “Carta de alforria” do Nego fugido não é nem de longe uma representação da condição negra vivida no período escravocrata, “Queremos a carta de alforria” é nosso grito diário, que se intensifica ainda mais durante os domingos de julho, através do Nego Fugido e de outras aparições como as Caretas de palha, mandus e bombachas, grupos de samba de roda, capoeira e maculelê que juntos trabalham num processo ritualístico religioso, social, cultural e político.

O que acontece todos os domingos de Julho em Acupe está para além dos significados que nosso consciente humano é capaz de captar. “O mundo natural é o que nós vemos, tocamos, sentimos, saboreamos e ouvimos e ainda assim nós não podemos alcançar o significado em sua totalidade. É o mistério de todos os mistérios. É o cerne do que é espiritual e sagrado.” (FUKIAU, s.d., p.1)

Fu-Kiau, em seu artigo “A Sacralidade do mundo natural”, diz que segundo o conceito Bantu de sacralidade todas as coisas com ou sem expressão, com ou sem poder de locomoção são seres, povos Bantu, Kôngo e Luba vêem o mundo natural como sagrado em sua totalidade, pois todas as coisas possuem a energia de Kalunga, energia superior a vida, inteiramente completo por si próprio, energia crescente eminente de todos os seres, todas as “coisas” (FU-KIAU, s.d., p.02)⁴. Em uma conversa com Evilásio, Mestre Caçador do Nego Fugido, ele retrata a grande importância de cada elemento, de cada “coisa” que compõem seu Caçador e todas as outras figuras do Nego Fugido como elementos sagrados, “cada coisa no Nego Fugido tem seu lugar e seus significados, a boca vermelha, o carvão, o óleo, o jaleco de couro, o chapéu, a saia feita de palha de bananeira seca, a espingarda, a espoleta, o charuto possuem seus respectivos significados e importância; ele retrata da pintura do rosto feito pela mistura do carvão ralado e o óleo como o batizado e um ato de coragem, o que impulsiona espiritualmente e fisicamente a sua performance e o faz incorporar sua identidade de Nego Fugido” e ele conclui que quando veste a saia feita de palha de bananeira o cerco se completa, e ele diz estar preparado “pra uma outra coisa”. Esses “elementos seres” componentes fundamentais possuem a energia de Kalunga, a força de cada ser elementar que possui a energia sagrada ancestral e, por tanto, elementos sagrados.

Muitos mistérios rodam os discursos e o imaginário popular acupense sobre a origem das manifestações culturais, o que desperta interesse em muitos pesquisadores que vão pra comunidade em busca de respostas prontas pra consolidarem subjeções a respeito de algo que foge do alcance de anotações em blocos de papel e registros feitos por máquinas fotográficas e de vídeo, impossível desvendar sua totalidade e seus mistérios com acessórios tão rasos que captam nada mais que os olhos carnis conseguem observar.

É na energia evocada pelos festejos do dois de julho na Bahia, que Acupe salda a chegada do mês cultural, a data anuncia a abertura do ciclo das aparições nas ruas durante os domingos de julho.

Os tambores anunciam que também é festa nos terreiros de candomblé, as festas são destinadas aos caboclos, “o candomblé baiano coloca o caboclo num lugar que lhe permite funcionar plenamente. Suas características de autoctonia, ancestralidade, sabedoria ecológica e de grande

⁴ Artigo disponível em: <https://estahorareall.files.wordpress.com/2015/07/dr-bunseki-fu-kiau-a-visc3a3o-bantu-kongo-da-sacralidade-do-mundo-natural.pdf>

teimosia fazem dele um intermediário privilegiado nas relações humanas com as forças do além.” (TALL; CARVALHO, p. 79, 2012).

Como conhecedor primordial da terra, o caboclo é a entidade que segundo o Tata Paulo Henrique rege a comunidade acupense durante o mês de julho. Conhecedores das matas e dos mistérios das terras os caboclos “desenvolvem vários papéis que o ligam às divindades africanas Katende (deus das folhas e plantas medicinais), Oxóssi (deus do mato e da caça), Exu (mensageiro e divindade da soleira) e aos ancestrais Egunguns.” (TALL; CARVALHO p. 79, 2012).

Nos festejos cívicos do Dois de julho a figura do caboclo como um dos principais heróis da luta de independência da Bahia, pois eles representam toda a classe que fizeram parte do processo de independência, incluído a própria população que não estava diretamente ligada aos exércitos.

A identificação popular dessa figura reside no fato dele representar os heróis que lutaram na Independência e que não são comumente lembrados: os soldados esfarrapados, os batalhões de índios usando armas tribais, de negros escravos e libertos, os sertanejos, à população voluntária que se organizou por conta própria em grupos para lutar, e que formaram maior contingente das tropas da Bahia.⁵

Segundo Paulo Henrique da Cruz⁶, Tata pai dos inkices do reino Banto, localizado no Terreiro Tumbalê Juçara⁷ o mês de julho em Acupe estar cravado aos caboclos, aos donos da terra, os caboclos são cultuados em acupe durante esse período, pois são representantes dos povos indígenas que também lutaram pelo seu território sagrado. As manifestações segundo Tata Paulo acontecem em julho, justamente o mês que precede ao mês de agosto, tão temido e comentado pela comunidade acupense.

Os escravos do Engenho Acupe que eram de nação haussás, segundo sua narrativa, faziam muitos cultos a mando do senhor de engenho, oferecendo até mesmo pessoas em sacrifício, para adquirir bens e dinheiro. Os escravos teriam perdido o controle da situação, pois faziam muitas macumbas e, não tendo mais pessoas para oferecer, teriam parado as oferendas. Iku, a morte, teria ficado furioso e lançado uma praga no mês de agosto. Desde então, sempre nesse mês, passaram a morrer muitas pessoas da comunidade. Todos temiam a chegada do mês das tragédias. Os sacerdotes da época, diz o tata, teriam se juntado e feito uma oferenda para afastar a praga de Acupe. Os mandus, espíritos bons, saíram às ruas em julho, um mês antes, para afastar os

⁵ Informações coletadas no site Heróis do Brasil disponível em: <http://osheroisdobrasil.com.br/herois/o-caboclo/> Consulta feita em 22/05/2018 às 02:36

⁶ Acupense e líder religioso do terreiro de candomblé angola Tumbalê Juçara

⁷ Terreiro de candomblé Angola que quer dizer casa dos amigos, parentes aderentes da cabocla Juçara. Com filial em Santo Antonio de Jesus, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Acupe.

espíritos maus e atrair os bons, livrando a comunidade da praga do mês de agosto. (PINTO, 2014, p. 37-38)

As manifestações tem a função de agradar os espíritos de morte para que as percas sejam amenizadas, no princípio os mandus e bombachas não saiam as ruas aleatoriamente, eles tinham uma função muito específica, eles iam as casas de terreiros fazer suas pequenas oferendas para que as pessoas que fossem vestir as roupas do sagrado também se tornassem sagrados naquele momento, pra realizarem a grande festa que tinha o intuito de aplacar a negatividade do mês de agosto, pois no antigo Acupe velho existia um culto a uma entidade chamada Wunge (Eres e ibejis: as grandes crianças encantadas). Com o término das oferendas e dos cultos, Acupe foi condenada à praga do espirito da morte, a partir dai começaram a surgir ventos ruins que traziam doenças durante os meses de maio, junho e julho, pra que na chegada de agosto os corpos estivessem fragilizados e as almas estivessem preparadas para serem levadas pelo espirito impiedoso da morte, o que levou o barão a procurar benzedor e sacerdotes pra entender o motivo de tantas mortes e chegaram a conclusão de que para acabar com a mortandade era preciso dar continuidade aos cultos e como não era mais possível dar continuidade as oferendas, surge a tentativa de enganar a morte através da camuflagem, ai que os mandus e bombachas surgem, para aplacar e acalmar o espirito da morte, com seus lamentos gemidos e danças distraiam a morte e atraia as energias positivas dos espíritos bons e suas proteções, purificavam as ruas e os corpos acupenses para que a morte não conseguisse alcançar tantas pessoas.

A fama do mês de agosto permanece até hoje e, coincidentemente, nesse período, acontecem muitas tragédias e morrem muitas pessoas na comunidade. Alguns moradores antigos de Acupe também comentam que as pessoas se vestiam de mandu ou usavam máscaras para esconder o rosto e enganar a morte, e gemiam suplicando para que ela não acontecesse. (...) Esses relatos relacionam a presença da manifestação nas ruas de Acupe a aspectos místicos e ritualísticos, um processo de cura da praga que atingiu a comunidade. (PINTO, 2014, p. 38)

A comunidade conta com a proteção espiritual das manifestações e da memória corporal e geográfica impressas nelas, que durante os domingos de julho são expostas nas ruas cruzando o tempo, espaço e experiencias ancestrais e atuais.

Atualmente na comunidade é comum ver as portas do cemitério abertas para fora durante o período de maio, junho, julho e agosto, as portas do cemitério abertas para fora significa a chegada de mais um novo corpo pra residir na sua mais nova casa, segundo alguns relatos se as manifestações culturais não estiverem em boa sintonia, se os manifestantes estiverem em pé de guerra por motivos banais, os espíritos bons não se agradam e fortalecem o espírito de morte

que consegue obter mais almas para saciar sua fome, os dois meses que precedem agosto deixam a comunidade muito vulnerável a atrocidades.⁸

3.2 EU CARETA

A partir do ano 2015 quando me aproximei mais dos grupos culturais, pude perceber os conflitos que existem entre os membros integrantes e como as relações eram estabelecidas confesso que me senti um pouco assustada e principalmente preocupada, imaginava que aqueles problemas pudessem abalar drasticamente o papel e o sentido das manifestações, pois existe uma questão de individualismo muito fortemente empregada nas relações acupenses, além de uma questão separatista entre alguns grupos culturais, o que enfraquece o poder e luta das manifestações no seu papel na comunidade, porém com o passar do tempo fui percebendo também que esses problemas entre os grupos são naturais e fazem parte da construção e reconstrução da realidade acupense. Quando estão nas ruas, as forças unem-se num propósito único, um fio que conduz o corpo e alma dos manifestantes que por alguns momentos esquecem dos seus conflitos internos e pessoais e expandem suas forças destacando problemáticas coletivas.

⁸ Na manhã do dia três de julho de 2012 escuto gritos desesperados de uma vizinha que chorava muito, fui até a porta pra saber o que havia acontecido, foi quando ela pediu pra que ligasse a tv pois estavam noticiando um grave acidente envolvendo uma van e uma carreta na BR 324 deixaram onze pessoas mortas. A van saía do município de Saubara em direção a Salvador BA, entre as vítimas estava o seu neto de apenas onze anos de idade, a mulher conhecida popularmente como Baiana, era uma das caçadoras do Nego Fugido, somente de Acupe o acidente fez cinco vítimas que tiveram seus corpos dilacerados, alguns ficaram irreconhecíveis, coincidência ou não no Dois de julho as manifestações estavam frias nas suas ações, alguns grupos relutaram a participar e outros não participaram da abertura do ciclo, os integrantes dos grupos estavam brigando por motivos banais, historicamente e religiosamente esses comportamentos contribuíram pra o desagrado dos espíritos bons que não se sentiram felizes nem satisfeitos com as ações dos manifestantes, o enfraquecimento teve resultados severos e dolorosos, o espírito da morte estava se fortalecendo, além desse acidente pessoas da comunidade morriam com poucos intervalos, houve casos em que pessoas tiveram que ser enterradas durante noite, pois havia outros enterros programados para o mesmo dia, na época eu morava numa casa em que uma cerca caída separava o meu quintal do cemitério, e naquele período era comum ver o cemitério movimentado até umas 19 horas. Acompanhava os enterros do quintal e a noite acompanhava o movimento das chamas das velas que iluminavam o caminho das novas almas. Imagens, sensações, cheiros e choros que jamais esquecerei, foi um ano difícil, apesar de não conhecer algumas pessoas que faleceram o sentimento que tinha era apreensão e muita dor, sentia que a qualquer momento receberia a notícia de mais uma morte ou viria as portas do cemitério novamente abertas pra fora, uma frase que se tornou comum ouvir na comunidade durante aquele período era, “hoje morreram três pessoas, quatro com o cachorro”, esse “cachorro” no final da fala significava talvez um bloqueio ou impedimento pra morte não levar mais ninguém, Jefferson Santos Lopes dos Reis a criança de onze anos morta na colisão entre a van e carreta, não era somente um vizinho, além dele ser meu primo, era um amigo divertido e brincalhão, tenho doces lembranças da gente brincando junto com outros amigos na rua que mais parecia um rio de esgoto, e nosso maior pavor era a bola com a qual brincávamos cair dentro do córrego de agua podre, no mesmo momento que sentíamos nojo, riamos muito pra saber quem era o corajoso que iria retirar a bola da agua fedorenta. Infelizmente nesse atual mês de maio de 2018 Acupe está sofrendo mais uma gama de mortes inesperadas, nas últimas semanas foram enterradas no mínimo uma pessoa por dia, inclusive na minha família duas pessoas faleceram em dias seguidos, coincidência? Os conflitos acupenses geram graves prejuízos não só ao corpo físico. A espiritualidade está *online* para morte.

Em 2016 no primeiro domingo do mês de julho, vesti a saia da careta de palha, coloquei a máscara de papelão e todos os adornos e acessórios que compõem a aparição e sair pelas ruas juntamente com o restante do grupo numa longa caminhada colorida e dançante. Ter participado do processo de construção da saia feita de folhas de bananeiras secas me deixa num momento vulnerável, não sou capaz de compreender os significados em sua totalidade, aquele momento, aquele espaço, aquelas bananeiras, ainda hoje não consigo descrever como é de fato a experiência de ter posto meu corpo num momento tão sagrado e especial, horas antes de estar na rua, ainda no momento de arrumação do grupo, era muita gritaria e discursão, alguns integrantes brigavam pela escolha de mascaras, roupas, outros brigavam porque os colegas estavam brigando, gente nervosa e ansiosa, eu estava lá sem saber exatamente o que fazer e como me vestir, até que um deles me ajudaram a vestir a saia, as blusas de manga longa, as luvas, o vestido, e finalmente a máscara, aos poucos careta iam surgindo, e a emoção gritava por dentro, o corpo já respondia outro ritmo a que não estava acostumada, sinos na cintura, a banda do lado de fora do espaço, anunciava; era hora de sair, Julho havia chegado e esperava por nós, lá fora todos dançavam, brincavam, a máscara agora guardava a identidade de cada um e mostrava a identidade de todos, o ritmo do samba colocavam todas as caretas para balançar e chacoalhar suas enormes saias de bananeira, e foi quando caí numa realidade coletiva, agora nós não éramos mais somente nós, éramos “Caretas”, era uma delas, eu não era mais Isabela, ninguém me via mais assim, isso me trouxe um dos momentos mais libertadores que vivi até hoje, corpo livre de repressão sem medo, realmente eu não era mais somente eu e também não estava sozinha, nunca me senti tão livre e disposta como naquele dia, por onde passávamos deixávamos rastro de choro das crianças, risos, felicidade, medo e também um rastro feito de folhas de bananeiras que guiavam e demonstravam que por ali havia não havia passado somente caretas, a história e ancestralidade estavam nos acompanhando, a palha seca marcava o caminho. Enquanto estava nas ruas ouvia as crianças gritarem e rirem, “olha aquela careta é mulher” achei engraçado ouvir essa frase, mas depois de ter me aproximado de uma criança que estava no colo da mãe e ela ter começado a chorar por medo, a mãe da criança comentou “olha filha não precisa ter medo, ela não é mal, é uma mulher olha a mão dela, tá com a unha pintada”, a luva que eu usava deixava a ponta dos meus dedos amostra e mostravam detalhes femininos que eu não fazia questão de esconder, porém o que a mulher disse me fez pensar a respeito de que é normal ter medo de caretas homens mas que não e preciso ter medo de uma careta mulher.

As caminhadas pelas ruas com minha nova identidade coletiva levou meu corpo e memória a explorar espaços e movimentos antes nunca testados pelo meu corpo, aquela tarde termina eu me sentia parte de algo realmente importante, meu corpo, minha memória nunca tiveram tão bem conectados.

Existem várias versões a respeito da aparição das caretas na comunidade, uma delas contada por Salvador Santos de Jesus (Dodô das caretas), atualmente representante do grupo diz que:

Em Dois de Julho de 1850, época da escravidão, meu senhor fez uma festa para alegrar os escravos. No meio da festa, apareceu um mascarado e fez a alegria de todos com suas palhaçadas, inclusive o meu senhor. Enquanto a festa acontecia, as pessoas ficaram tentando adivinhar quem era aquele mascarado, mas ninguém conseguiu desmascará-lo. Meu senhor recolheu todos os negros e mandou o feitor contar. Vendo que faltava um escravo, descobriu quem era o mascarado (PINTO, 2014, p. 39)

Esse depoimento de Dodô recolhido por Monilson em 2012 ainda é o mesmo discurso utilizado por ele pra se referir a história da aparição, particularmente e historicamente esse discurso amigável e alegre dos negros para o “senhor de escravos” é muito contraditório, porém uma característica da comunidade acupense é a contradição. Outra versão dos moradores acupenses relata que [...]

Os moradores mais antigos que, quando os escravos fugiam das senzalas, eram perseguidos pelo capitão do mato, e, como ele usava cavalo, sempre conseguia capturar os fugitivos. Então, os negros tiveram a ideia de usar a casca do coco para produzir máscaras de monstros e assustar seus perseguidores na floresta. Esse relato revela que a floresta permeava o imaginário daqueles que a desconheciam como um espaço mágico, nebuloso e misterioso, lugar que habitavam os espíritos, os selvagens (escravos fugitivos e índios) e sua selvageria, aproximando o mundo dos mortos e dos vivos, colocando à prova a racionalidade humana. [...] O discurso polifônico sobre a origem dos caretas alimenta a criatividade dos careteiros de Acupe na confecção das máscaras, predominando os aspectos grosseiros e animais. A proposta da brincadeira é incitar o medo, o susto, o riso e espantar os maus espíritos. [...] A finalidade das aparições dessa manifestação, de espantar o mau comportamento das pessoas, narradas pelos moradores, compactua com o relato do tata ao se referir à finalidade das aparições dos mandus de afastar as pragas lançadas por Iku. (PINTO p. 39, 40.2014).

A natureza da floresta e seus elementos fortificam o sentido da espiritualidade das manifestações culturais acupense, a ligação com as folhas e entidades remetem as experiências vividas pelos antepassados nesse território. A encruzilhada temporal e espacial também estar presente fortemente na história através da oralidade. “Ao utilizar a expressão ‘meu senhor’, Dodô subverte o tempo e presentifica o período narrado. Ao colocar-se no lugar de alguém que conta uma história vivida, ele articula a imagem do passado ao presente, o passado é sentido

como presente” (PINTO, 2014, p.39), criando uma espécie de narrativa onde os tempos vão e voltam na memória presente e passada.

Nas aspirais do tempo, tudo vai e tudo volta, Para Fu-Kiau Bunseki (1994:33), nas sociedades nicongo vivenciar o tempo significa habitar uma temporalidade curvilínea, concebida como um rolo de pergaminho que vela e revela, enrola e desenrola, simultaneamente, as instancias temporais que constituem o sujeito. [...] o que se passa agora, retornará depois. [...] o passado pode ser definido como o lugar de saber e um saber e de uma experiencia acumulativos, que habitam o presente e futuro, sendo também por eles habitado. (MARTINS, 2013, p. 84, 85).

4 BANANEIRA: UM CORPO ENCRUZILHADA PARA ALÉM DO HUMANO

*Ô nego não intimida,
 Tá no tronco não implora
 Não olha pra bananeira
 Porque ela chora,
 E chora e chora
 Não olha pra bananeira porque ela chora*

Para além do humano como corpo, existe o corpo para além do humano, nas culturas e manifestações populares o corpo humano é somente mais um dos elementos que constitui a história geográficas, religiosas e espirituais, os elementos como as músicas, danças, instrumentos e corpos elementos como adereços são a personificação e a materialidade do sentido em que as manifestações e performances são empregadas, por exemplo uma dança de orixá feita por uma pessoa que estar fora do contexto religioso, distante dos significados e das simbologias que compõem a dança e a história, o corpo que dança será apenas um corpo que dança, sem nem um sentido ou ligação com a ancestralidade evocada nos passos da dança, o corpo não possui uma memória ancestral que o fará *linkar* os passos e os gestos a história daquela dança, a reprodução estará apenas ligada a temporalidade atual pois não está levando em consideração os aspectos ritualísticos e espirituais que são destacados quando a dança é feita por um corpo dentro dos significados trazidos através da natureza. A saia de palha de banana usada por um corpo deslocado dos sentidos e significados que são trazidos dentro da comunidade acupense, será apenas um corpo usando uma saia, o sentido e significado não está no simples ato de vestir a palha seca, estar no significado que é trazido na memória e corpo de quem viveu e vive diariamente os impactos de atos que ocasionaram a história desses espaços e que levaram, por exemplo, a bananeira sair do seu lugar de espaço e deixar de ser vista apenas como uma planta e se transformar em elemento da força sagrada e espiritual.

Tratar as relações pessoais sem levar em consideração os diversos símbolos que compõem o espaço e a história é manter a humanidade num egocentrismo equivocado.

O excepcionalismo humano nos cega. A ciência herdou das grandes religiões monoteístas narrativas sobre a superioridade humana. Essas histórias alimentam pressupostos sobre a autonomia humana e levantam questões relacionadas ao controle, ao impacto humano e à

natureza, ao invés de instigar questões sobre a interdependência das espécies. Uma das muitas limitações dessa herança é que ela nos fez imaginar as práticas de ser uma espécie (humana) como se fossem mantidas autonomamente e, assim, constantes na cultura e na história. (TSING 2015, p.184)

A feminina e sagrada bananeira, como toda mulher esconde os mais profundos segredos em seu interior jamais alcançável, para além das paisagens, para além dos seus doces filhos e de seu enorme coração que cura, seu corpo recoberto por diversas camadas sobrepostas dando forma a um corpo forte e resistente, de quem fala quando chora e lamenta?

A dor é singular, mas é compartilhada, continuamos lançados a alçapão preenchidos de lanças, é de mim que ela fala, é daqui que ela fala, ainda dá pra ouvir seus gemidos, mas ela continua parindo e não desiste, mesmo sem forças, ela ressurge com um novo coração palpitante, renova, revive, reintegra. sua sagrada força feminina e natural, é bananal e assim como nossas veias, suas raízes se ligam, conectando cada vaso por onde percorrerá o sangue da vingança e a nunca desistência de se manter de pé honrada e sagrada.

Pensar em bananeira, em suas partes, em suas sagradas e poderosas folhas é pensar também sobre corpo da mulher, a bananeira não possui um único padrão nem uma única forma, elas existem e estão sempre unidas umas as outras em laços familiares ligando suas raízes e se movendo, ganhando espaços e significados sagrados e profundos.

Em Acupe historicamente no poder da oralidade, a bananeira está presente desde o período massacrante e violento da escravidão, em suas passadas de criança, relata Monilson que ouvia que um impiedoso dono de uma fazenda castigava os escravizados até a morte e que em suas covas eram plantadas bananeiras e o local se transformou em um bananal sendo que se uma bananeira fosse cortada, de seu tronco escorria o sangue dos escravizados enterrados. (PINTO, 2014, p. 20), esse relato ouvido por ele quando criança ainda é ouvido atualmente na comunidade através da incrível força da oralidade. Em conversas com Evilásio, caçador do nego fugido, ele conta que no período da escravidão os indígenas da região conheciam muito bem o território e usavam a palha seca da bananeira como meio de camuflagem para fugirem dos feitores, essa prática também foi passada para os negros que utilizam a técnica para se esconder nas matas para não serem encontrados e também para capturar outros negros fugitivos para serem entregues aos fazendeiros, ele inclusive simula e explica uma ação do caçador do

Nego Fugido que é se manter afastado e deitados ou sentados sobre a saia de bananeira para não serem vistos e assim poderem agir sem serem percebidos, criando dessa forma uma características específicas de negros e indígenas de alguns espaços do recôncavo como foi o caso de Acupe. Todas essas aproximações criaram laços de familiaridade com as bananeiras que vão muito além de um estético cultural.

Nas manifestações Nego Fugido e caretas de palha, a folha seca da bananeira possuem importantes significados, pois a folha trabalha como o cruzamento entre a ancestralidade e o presente/futuro, pois é nas folhas que existem fundamentos sagrados e protetores, capazes de manter distantes todo tipo de energia que impossibilite as manifestações de realizarem suas respectivas funções no mês de julho que são de realizar o trabalho de preparação ritualístico de proteção e livramento de forças malignas que podem trazer grandes malefícios a comunidade. Tata Paulo reforça que a palha usada pelas caretas e Nego Fugido tem relação espiritual. No antigo culto feito aos espíritos de morte, eram usadas as palhas de bananeiras. Segundo o Tata Paulo a folha da bananeira possui uma grande e sagrada importância no candomblé também, no contexto religioso do candomblé a palha deve ser pega em momentos especiais, por exemplo jamais podem ser retiradas quando o sol estiver quente, depois de retiradas essas folhas passam por um processo de sacralização através de orações e cânticos para depois serem usadas nos cultos aos a Wunji (espíritos de morte), o mútuo respeito pelo espaço, pela floresta é de suma importância para manter a ligação fluente e positiva entre o sagrado humano e a sagrada natureza, para os bantus o ato de entrar na floresta torna-se sagrado, “Antes de alguém entrar na floresta deve preparar-se atualmente, porque ir para dentro da floresta é entrar numa das mais ricas e bem documentadas bibliotecas vivas na Terra.” (FUKIAU), assim floresta é memória, bananeira é ancestralidade viva.

É possível traçar diversas linhas que ligam a palha seca da bananeira usada nas manifestações acupenses e a folha seca da bananeira usada no envolvimento de um dos principais e mais sagrados alimentos oferecidos aos orixás, o acassá segundo Regina Sorriso

Primeiramente, é preciso esclarecer que a pasta branca à base de farinha de milho (que fica alguns dias de molho e depois passada pelo pilão ou moinho) chama-se na verdade eco (èko). Depois de coxear⁹, uma porção da pasta ainda quente, é envolvida em um pedaço de folha de bananeira para enrijecer Percebe-se a fundamental importância da folha de bananeira, uma vez que o eco só passa a ser acaçá quando envolvido em uma folha verde que lhe atribui existência individualizada, pois passa a ser uma porção

⁹ Coxear é o verbo usado para o ato de amassar o milho.

desprendida da massa, assim como e emi [s.i.c], que dá vida aos seres, é, na verdade, uma parte da atmosfera, ou do próprio Olorum, que todos ser [s.i.c] leva dentro de si, o sopro da vida, o ar que respiramos. Portanto, o acaçá é um corpo, o símbolo de um ser. A única oferenda que restitui a redistribui o axé. É importante insistir que o que faz do acaçá um corpo único, eminente representação de um ser, é a folha, seu poderoso invólucro verde, que lhe confere individualidade e força vital diante do poderoso orun, os orixás e do grande Deus Oludumaré.¹⁰

Assim como a folha da bananeira verde veda o sagrado alimento o protegendo das forças negativas, a palha seca da bananeira no contexto das manifestações culturais acupenses tem a função de juntamente com outros elementos sagrados, trazer energias positivas e fluentes, afastando espíritos ruins, digamos que a palha da bananeira veda também o corpo da manifestação, criando um escudo protetor através das saias para que nem uma energia além da energia ancestral esteja fluente nos corpos, da mesma forma como a folha separa e individualiza o acaçá, o transformando em corpo único, as saias também são únicas e vestem únicos corpos, os separando e individualizando cada corpo e espírito transformando em uma extensão além do corpo humano.

A humanidade coloniza povos e espaços, a relação de poder entre a humanidade sobre as outras espécies as coloca em um lugar inferior, porém existem diversas humanidades e diversas formas de vida e observação. Para sociedades como indígenas e comunidades tradicionais a relação estabelecida ultrapassa a representação de tempo, lugar e significados. Em Acupe, a bananeira está presente e representa outros significados que vão além das margens de apropriação e dominação humana, seja ela estar no ponto em que a dominação humana não é capaz de alcançar, seja estar no plano do axé, ritualidade e espiritualidade.

Uma característica da bananeira é sua independência do humano para se multiplicar, primeiro porque elas estão conectadas umas as outras por suas raízes, o que chamamos de bananeira é na verdade uma família composta por avó, mãe e filha (três pés de banana ligadas por suas raízes) por isso é comum ver bananeiras sempre em suas companhias, geralmente elas estão em grupo. Quando um pé de bananeira está velho e já deu fruto, ele morre e cede espaço pra planta mais jovem que seguirá o mesmo ciclo, ou seja, as bananeiras possuem sua própria relação individual independente da ação humana.

¹⁰ Informações coletadas no blog de Regina Sorisso disponíveis em: <http://osaberengradesse.blogspot.com.br/2013/05/misterio-do-acaca-acaca-akasa-e-de-uma.html> (consultado em 16/05/2018 às 11h02)

Em Acupe ela está na mediação e mundo dos mortos e o mundo dos vivos. A bananeira, especificamente suas folhas nas culturas acupenses, é o código de intermediação entre a morte e vida. Algumas falas de integrantes do nego fugido dizem que o chacoalhar da saia feita pela folha seca da bananeira é o chamado para acordar e atrair a ancestralidade e a força dos antepassados que foram violentados, mortos e enterrados dentro do território e o pé da bananeira plantado em suas covas revelam o sofrimento e angustia das suas almas, as folhas presentes nas ruas dos domingos de julho é o ressurgimento das almas negras escravizadas que retornam para continuar sua luta e resistência.

Conta-se na comunidade que no antigo Acupe Velho, que se cortassem uma bananeira com um facão, do seu corpo era derramado sangue e ouvia-se gemidos de dor e sofrimento, varias pessoas temiam a ida ao bananal pois achavam que era amaldiçoado, outros entendiam que o corpo da bananeira era a ligação física entre o corpo negro morto e enterrado naquele espaço que ainda hoje sangra, chora e lamenta a dor da escravidão que foi vivida antes e a dor negra vivida hoje.

Nos congados Mineiros existem também a ligação que vai além do corpo humano, “A mediação dos ancestrais, manifesta nos Congados pela força (axé) dos candombes, é a chave mestra dos ritos e é dela que advém a potencia da palavra vocalizada e do *gestus* corporal, instrumentos de inscrição e de retransmissão do legado ancestral. (MARTINS, 2003), a fala de Evilasio remete a importância sagrada de cada “elemento corpo” do nego fugido. Ainda segundo Regina: “Não há candomblé sem acaçá, nem acaçá sem folha.” Não há Acupe manifestações culturais, nem manifestações culturais sem folha da bananeira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho tem a intenção de apresentar a cultura acupense como uma cultura de encruzilhadas, em que as relações são sempre postas em primeira instância, a relação da comunidade com o espaço, com o trabalho e com as manifestações culturais mantidas a centenas de anos na comunidade, o diálogo entre o passado, o presente e o futuro que ultrapassa os limites de uma separação temporal e tecem a ligação entre os conflitos atuais e passados, a ancestralidade viva na oralidade, no corpo e no espaço acupense mostram o quanto ainda somos reféns e marginalizados pelo sistema político racista e preconceituoso.

Mostrar como os acupenses estabelecem as relações de acordo com suas ações práticas cotidianas, sendo elas a pesca, mariscagem o trabalho na roça e outras atividades como que esse corpo se posiciona nas manifestações culturais sendo ela o samba, a capoeira, Nego Fugido, careta, etc. As experiências corporais em junção com a memória ancestral humana e a memória ancestral geográfica dão corpo e sentido as manifestações culturais que com os elementos sagrados da natureza conseguem apontar a relação entre o passado da vida acupense com a atualidade e o futuro.

Os elementos sagrados como a palha da bananeira constrói a lembrança de um Acupe subalterno em que os negros escravizados eram fisicamente assassinados, essa morte física do ancestral negro acupense é revivida quando sua alma é atraída para as ruas através das palhas. O processo de cura ritualizada em Acupe trazida no mês de julho é um processo de fortalecimento espiritual e resistência da comunidade, que mostra todos os anos a drástica situação social e política que Acupe se encontra depois de centenas de anos.

REFERÊNCIAS

PINTO. Monilson dos Santos. Nego Fugido: O Teatro das Aparições. UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" INSTITUTO DE ARTES Programa de Pós-Graduação em Artes Mestrado, São Paulo 2015

MARTINS. Leda. Performance do tempo aspiralar. 2003

FU-KIAU. A visão Bântu Kôngo da Sacralidadedo Mundo Natural. Artigo disponível em: <https://estahorareall.files.wordpress.com/2015/07/dr-bunseki-fu-kiau-a-visc3a3o-bantu-kongo-da-sacralidade-do-mundo-natural.pdf>

THOMPSON. Robert Farris. Flash of the Spirit. Arte e filosofia Africana e Afro-Americana.

TSING. Ana, Margens indomáveis – Cogumelos como espécies companheiras. TALL, EK. O papel do caboclo no candomblé baiano. *In*: CARVALHO, MR.; CARVALHO, AM., org. Índios e caboclos: a história recontada [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 79-93. ISBN 978-85-232-1208-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

LIGEIRO. Zeca, O conceito de “motrizes culturais” aplicado às praticas performativas Afro-brasileiras. Revista Pós Ciências Sociais. v. 8 n. 16 São Luis/MA, 2011

Site Heróis do Brasil. disponível em: <http://osheroisdobrasil.com.br/herois/o-caboclo/>
Consulta feita em 22/05/2018 às 02:36

Informações coletadas no blog de Regina Sorisso disponíveis em:
<http://osaberengradesse.blogspot.com.br/2013/05/misterio-do-acaca-acaca-akasa-e-de-uma.html> (consultado em 16/05/2018 às 11h02)